

Modos de Produção e Remuneração nos Empreendimentos Econômicos Solidários de Uberlândia-MG e Patos de Minas-MG: um estudo multicase no setor de reciclagem

Camila Maria de Oliveira – camila.maria321@gmail.com
Faculdade de Gestão e Negócios – Universidade Federal de Uberlândia
Márcia Freire de Oliveira – marciafreire@ufu.br
Faculdade de Gestão e Negócios – Universidade Federal de Uberlândia
Eduardo Vinícius Gomes Tavares - eduardotavares90@gmail.com
Faculdade de Gestão e Negócios – Universidade Federal de Uberlândia
Jaqueline Luisa Silva – jaquelineluisaa@gmail.com
Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM

Área Temática: Empreendedorismo, Pequenas Empresas e Sustentabilidade**Resumo**

O mercado de reciclagem torna-se, nos países em desenvolvimento, oportunidade para a redução dos impactos ambientais ao mesmo tempo que gera oportunidades de emprego e renda para trabalhadores que se encontram à margem do mercado de trabalho formal. Neste sentido, a pesquisa tem como intuito analisar as formas de produção e de remuneração dentro das cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis, destacando os principais aspectos que levam esses empreendimentos adotarem certas características capitalistas. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com participantes e gestores de quatro Empreendimentos de Economia Solidária (EES) de reciclagem localizados em Uberlândia-MG e um EES localizado em Patos de Minas - MG e, os dados colhidos foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo. Os resultados indicaram que os valores ideológicos estão fortemente ligados como o modo de produção e de remuneração adotados. Observou-se que o perfil ideológico dos gestores influencia nas práticas adotadas no que se refere as práticas administrativas, contábeis e de gestão. Entretanto, as iniciativas apresentaram dificuldades econômicas.

Palavras-chave: Economia Solidária; Valores Ideológicos; Associações; Cooperativas.

Abstract

In developing countries, the recycling market is an opportunity to reduce environmental impacts while generating employment and income opportunities for workers who are on the margins of the formal labor market. In this sense, the research aims to analyze the forms of production and remuneration within the cooperatives and associations of collectors of recyclable materials, highlighting the main aspects that lead these enterprises to adopt certain capitalist characteristics. The data collection was performed through semi-structured interviews with participants and managers of four Solidarity Economy Entrepreneurships (SEE) of recycling located in Uberlândia-MG and one SEE located in Patos de Minas - MG and the data collected were analyzed through the technique of analysis of content. The results indicated that the ideological values are strongly linked as the mode of production and of remuneration adopted. It was observed that the ideological profile of managers influences administrative, accounting and management practices. However, the institutions presented economic difficulties.

Keywords: Solidarity Economy; Ideological Values; Associations; Cooperatives.

1. Introdução

Atualmente, cresce a preocupação da sociedade com as consequências que o descarte inadequado dos resíduos sólidos pode causar. Percebe-se que existe uma inquietude por parte do governo, dos ambientalistas, acadêmicos e da comunidade na busca de soluções a longo prazo que sejam adequadas, economicamente e ambientalmente (Gutberlet, 2012).

As cooperativas e associações de reciclagem passam a ser vistas como alternativas de resolução para estes problemas em duas dimensões: geram emprego, renda e inclusão profissional para um contingente de trabalhadores que se encontram à margem do mercado formal de trabalho, ao mesmo tempo que contribuem para a questão ambiental do lixo (Luttner, Silva & Ferreira, 2016). A importância da atuação desses empreendimentos se deve ao fato de que a partir da possibilidade de agregar valor aos materiais coletados, da capacitação e do reconhecimento social dos trabalhadores, geram-se melhorias nas condições de trabalho dos catadores. Tais instituições possuem múltiplas funções atuando na economia ambiental e, ao mesmo tempo, na construção de um movimento social que busca amplificar a luta dos catadores em suas reivindicações de reconhecimento profissional e na busca de alternativas autogestionárias de trabalho (Oliveira & Lima, 2012).

A discussão gira em torno do fato de que, para aumentar a produtividade dos serviços de coleta e processamento de materiais ou simplesmente para garantir a continuidade dos empreendimentos, estes optam por integrar algumas práticas capitalistas que põem em questão o risco de que estes catadores, mais uma vez, passem pelo processo de exclusão (Amorim, 2010; Oliveira & Lima, 2012), colocando de lado os princípios básicos da economia solidária (ES).

A partir destas premissas, a presente pesquisa buscar responder a seguinte questão: por que os empreendimentos econômicos solidários (EES) de coleta seletiva estão rompendo com a lógica do cooperativismo e assim, buscando as relações de produção capitalista? Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho consiste em analisar as formas de produção e de remuneração de cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis, destacando os principais aspectos que levam esses empreendimentos a adotarem certas características capitalistas. Já os objetivos específicos foram: identificar como é feita a gestão dos EES; identificar os valores ideológicos dos participantes e dos gestores; identificar e comparar os ganhos referentes a cada modo de produção e remuneração; e por fim, identificar as dificuldades e os benefícios encontrados em cada forma de gestão do trabalho adotada pelos EES.

A estrutura deste artigo é composta por: (i) introdução sobre o contexto em que a pesquisa se aplica, (ii) referencial teórico decorrendo sobre o contexto histórico, político e socioeconômico acerca da ES, as distintas formas de produção e remuneração dos EES e os valores ideológicos e sua influência sobre os EES, (iii) metodologia, (iv) resultados e discussões e por fim, apresenta (v) as conclusões finais.

2. Referencial Teórico

2.1 Contexto histórico, político e socioeconômico acerca da ES

Desde os primórdios do capitalismo, especialmente nos países periféricos, sempre subsistiram práticas econômicas que consideravam os laços de reciprocidade como base para o trabalho, sendo a produção material apenas para atender as necessidades coletivas. Essas propostas procuravam assegurar condições de vida a importantes contingentes, originalmente vinculada ao movimento operário (Gaiger, 2013).

No Brasil, o surgimento dos EES nos remete ao período pós 1970, pois nesta época devido à crise do modelo fordista-taylorista de produção, o mundo do trabalho passava por transformações como o aumento dos processos de exclusão do mercado de trabalho e o desmanche dos mecanismos de proteção social. Desamparados, a solução para os trabalhadores desempregados era buscar alternativas de ocupação e renda. Assim, surge um novo modelo de cooperativas sociais que passam a estreitar a relação com a comunidade e com iniciativas cada vez mais orientadas para solidariedade (Fonte & Cucco, 2017).

Gaiger (2013) explica que a ES ganhou destaque no Brasil a partir dos anos 90, quando essas iniciativas econômicas começaram a despontar e ser reconhecidas por sua natureza associativa e suas práticas de cooperação e autogestão. Procurou-se abranger outras modalidades de organização e categorias sociais, como, unidades informais de geração de renda, associações de produtores e consumidores, comunidades produtivas nativas e cooperativas dedicadas a produção de bens, prestação de serviços, comercialização ou crédito. Dessa forma, segundo Lemes (2008), essas experiências conjuntamente com políticas públicas e ações de Organizações Não Governamentais (ONGs) construíram as bases para a consolidação de um novo associativismo/cooperativismo no Brasil, que passou a ser chamado de Economia Solidária ou Economia Popular Solidária (EPS).

A ES no Brasil contou com a participação de diferentes atores sociais, dentre eles ONGs, movimentos sociais, organizações religiosas, o setor público, bem como as universidades

(Costa, 2013). Tello-Rozas (2016) enfatiza a importância de agentes externos para que os EES possam impactar nas condições de vida e no desenvolvimento das comunidades locais. Os agentes externos são essenciais na preservação e no reforço do capital social, além de contribuir com recursos e bem-estar para a comunidade. A atuação cada vez mais constante na cena pública abriu espaço para novas discussões, onde questiona-se o contexto em que os EES estão inseridos e como este ambiente influencia nas atividades e nos trabalhadores.

2.2 As distintas formas de produção e remuneração dos EES

A ES possui centralidade na inclusão socioeconômica, na autogestão, na equidade e na solidariedade (Gandolfi et. al., 2009), incorporando uma síntese dos debates e experiências acerca da reação ao capitalismo a partir de ações que possuem como seu ponto central e fundamental a organização coletiva do trabalho (Coelho & Godoy, 2011).

Gaiger (2013) afirma que as práticas da ES não buscam necessariamente se contrapor frontalmente à economia capitalista, mas se opõem ao caráter histórico de submeter o trabalhador como subalterno às formas degradantes de economia popular. Salvo algumas exceções, os EES não integram totalmente as práticas solidárias mas buscam um processo de metamorfose normalmente incompleto e essencialmente híbrido entre o capitalismo e a ES. Devido às heranças das forças produtivas e das relações sociais de produção capitalista, os EES encontram muitos bloqueios internos que se refletem principalmente no modo de produção, na divisão do trabalho e na cultura fabril dos trabalhadores.

Os EES procuram ocupar nichos de mercado, onde há parcialmente uma proteção da grande concorrência, estabelecendo-se práticas de troca baseadas na confiança entre produtos e consumidores. Eles tem potencial para dinamizar os recursos humanos e os materiais e repousam sobre esferas não-mercantis e mercantis, podendo inserir-se em um padrão de desenvolvimento sustentável que busca diluir custos fixos em grupo e expandir as atividades. Apesar de atuarem em nichos de comercialização e com uma racionalidade diferente de uma empresa capitalista os EES atuam em pleno mercado (Gaiger, 2003).

A divisão dos excedentes de produção se difere nos diferentes arranjos socioeconômicos dos EES. As formas de remuneração mais usadas são: remuneração por produção, remuneração por rateio coletivo e remuneração por função. Pela remuneração por rateio coletivo, o pagamento é realizado de forma igualitária para todos os associados e cooperados do grupo, sem distinção alguma. Já no pagamento por produção, a remuneração é feita segundo a

produção individual onde os materiais possuem preços pré-estabelecidos. Por fim, a remuneração por função tem relação com a função executada (triagem, coleta ou prensagem) e o valor pago é fixo (Luttner et. al., 2016).

Segundo Tauile e Rodrigues (2004) as dificuldades relacionadas às formas de remuneração se dão pelo fato de que o trabalhador não consegue se identificar como empreendedor, como responsável pelo negócio. É difícil para eles desapegarem do salário, visto que já não são mais meramente empregados. Agora, estes trabalhadores possuem direito a remuneração na forma de retirada, usufruindo dos resultados positivos, dos seus lucros ou sobras.

Além disso, o cooperativismo brasileiro se apresenta de forma heterogênea tanto a respeito de sua natureza e à suas atividades bem como à complexidade de suas organizações e seus princípios de gestão e orientação ideológica (Gaiger, 2013). Este fato nos faz refletir sobre a heterogeneidade tanto dos princípios quanto dos valores intrínsecos dos trabalhadores.

2.3 Os valores ideológicos e a influência sobre os EES

Veronese, Gaiger e Ferrarini (2017) mostram que a medida que os estudos sobre a ES foram se multiplicando surgiram novos atores sociais como quilombolas, pescadores artesanais, comunidades indígenas e ribeirinhas, etc., que não se enquadram nas cooperativas/associações convencionais e em seus discursos políticos e militantes. Assim, a ES passa a instituir novos sujeitos no mundo do trabalho, nas estratégias de classe e nas lutas sociais como resposta aos desejos de bem estar, reconhecimento e significado da vida.

Segundo Stahl e Schneider (2013), na realidade econômica, social e cultural de dominância do capitalismo é inevitável que qualquer organização, por mais de esquerda que suponha ser, mantenha-se “pura” numa total integridade, ideológica e administrativa. Pinheiro, Guerra e Toledo (2017) justificam a educação como processo para a construção de uma nova cultura do trabalho e de relações sociais de produção, visto que a transição do trabalho assalariado para o associado pressupõe mudanças na valoração das relações simbólicas. Os trabalhadores dos EES insistem em reproduzir os valores e comportamentos próprios de organizações heterogestionárias ocupadas anteriormente.

Azambuja (2009) afirma que os valores ideológicos são intrínsecos aos trabalhadores, e não ao modelo autogerido, não havendo verdadeiros ou falsos valores, e sim valores que denotam formas de inserção e participação nesses empreendimentos autogeridos. O autor utiliza dos conceitos da Sociologia e da Psicologia Social para explicar a heterogeneidade ideológica de

uma mesma ação organizada. Ele define pelo menos três perfis ideológicos dos trabalhadores, demonstrados na Tabela 1:

Tabela 1

Perfis ideológicos dos trabalhadores

	Perfil de Solidariedade	Perfil de Assalariamento	Perfil de Instrumentalização Capitalista
Orientação na ação social	Consolidação do modelo de cooperativismo autogestionário.	Garantir para si uma certa continuidade de lógica e atitude entre o modelo de assalariamento e o de cooperativismo.	Consolidação econômica do empreendimento através da inserção pura e simples no mercado.
Propriedade coletiva	Igualdade	Individualismo	Meritocracia
Processos de participação	Participação Igualdade União	Individualismo Produtividade	Controle
Relação entre os pares	Solidariedade	Coleguismo	Cooperação

Nota. Fonte: Azambuja (2009, p. 302).

O entendimento destes perfis dentro dos EES pode ser útil para compreender como algumas práticas e pensamentos capitalistas influenciam em suas atividades. Dentre os estudos utilizados para esta pesquisa, alguns se destacam por fazerem uma análise da ES, seus valores e a relação com o capitalismo. Gaiger (2003) considera que a ES é destinada a abrigar-se contraditoriamente sob o modo de produção capitalista. Entretanto, outras pesquisas apontaram que na verdade os valores ideológicos são híbridos (Amorim, 2010; Pinheiro et. al., 2017) resultando numa heterogeneidade de valores ideológicos (Amorim, 2010; Azambuja, 2009; Buzzatti, 2007). Esses conflitos ideológicos são refletidos em várias formas de organização do trabalho, ou seja, regras de produção, sistemas de remuneração e divisão de trabalho (Luttner et. al., 2016; Buzzatti, 2007).

Já os estudos que investigam os modos produtivos e de remuneração destacam-se aqueles que evidenciam que a inserção no trabalho de catador e nos empreendimentos acontece por falta de oportunidades no mercado de trabalho formal (Amorim, 2010; Lemes, 2008), encontrando nessas iniciativas uma forma de emprego e renda. Entretanto, apesar dos esforços dos participantes, parece que eficiência e solidariedade se tornam incompatíveis, visto as baixas remunerações e a incapacidade de sustentabilidade econômica (Oliveira & Lima, 2012; Buzzatti, 2007; Luttner et. al., 2016).

3. Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, sendo um estudo de casos múltiplos. O enfoque qualitativo deve ser usado quando se busca compreender a visão dos participantes sobre os fenômenos que os rodeiam, adentrar em suas experiências, pontos de vistas, opiniões e significados (Sampieri, Collado & Lucio, 2013). O método de estudo de caso é normalmente usado quando se deseja entender um fenômeno no mundo real e assumir que para isso envolva condições apropriadas ao contexto, ou seja, os limites entre o fenômeno e o contexto podem ser claramente visíveis (Yin, 2015).

A pesquisa tem caráter exploratório, que segundo Sampieri et. al. (2013) serve para conhecer o fenômeno ao mesmo tempo que busca obter informações para o intuito de se realizar pesquisas mais completas relacionadas a um contexto particular.

Para a coleta de dados foram desenvolvidos dois roteiros semiestruturados, que serviram de base para levantar informações sobre dois pontos de vista: gestores e participantes dos EES. Foram realizados um total de 14 entrevistas no período de janeiro/2017 a maio/2018. A coleta de dados foi realizada em 4 EES na cidade de Uberlândia e em 1 EES na cidade de Patos de Minas, totalizando ao todo 5 empreendimentos. Em uma das instituições (O4) não foi feita pesquisa com o Gestor por falta de disponibilidade dele em conceder a entrevista.

Os dados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo, que objetiva filtrar a classificação sistemática e a contagem de extensas informações colhidas, transformando-as em um texto curto e objetivo com as características representativas do que se pretende descobrir (Bardin, 2011). Para a análise de conteúdo foram estabelecidas categorias construídas a priori, ou seja, a partir do referencial teórico. Essas categorias se encontram descritas na Tabela 2.

Tabela 2

Categorias de Análise

Categoria	Subcategorias
Escolha profissional e ingresso nos empreendimentos	-
Gestão do trabalho e modo de produção	Desenvolvimento do trabalho
	Mapeamento das atividades operacionais
	Divisão de tarefas
Remuneração e ganhos financeiros	-
Valores Ideológicos	-

Nota. Fonte: Elaborado pelos autores

4. Resultados e discussões

Foram entrevistados um total de 14 pessoas entre participantes e gestores. Destes 7 são mulheres com idade entre 22 a 63 anos, já os homens possuem faixa etária entre 26 a 66 anos. O grau de escolaridade dos participantes varia entre ensino fundamental I incompleto a superior completo. Os entrevistados executam as seguintes funções nos EES: prensa, triagem, tesoureiro, presidente e analista financeiro. Para melhor compreensão foi criada a legenda apresentada na Tabela 3 a fim de identificar os entrevistados.

Tabela 3

Legenda para identificação dos entrevistados

Organização	O1	O2	O3	O4	O5
Gestor	G1	G2	G3	-	G5
Participantes	P1a, P1b	P2a, P2b	P3a, P3b	P4a, P4b	P5a, P5b

Nota. Fonte: Elaborada pelos autores

Na Tabela 4, encontra-se descrito os EES estudados. Nos tópicos seguintes, encontram-se os principais resultados da pesquisa divididos em categorias de análise.

Tabela 4

Descrição dos EES estudados

EES	DESCRIÇÃO
O1	Fundada em 28/06/2003, sob a forma de sociedade cooperativa, possui atualmente 10 famílias cooperadas. É regida no seu Estatuto pelos valores e princípios da Economia Solidária e os dispositivos legais do cooperativismo.
O2	Fundada em 07/09/2010, associação civil de caráter Cristão Evangélico com personalidade jurídica de direito privado e sem fins lucrativos, possui 23 filiados. A ideia da associação é acolher pessoas em situação de risco, procurando inseri-los no mundo do trabalho por meio da inserção no campo da reciclagem de resíduos sólidos.
O3	Fundada no dia 25 /01/2007 com a perspectiva de contribuir com o fortalecimento da categoria dos catadores de materiais recicláveis, atuantes na cidade de Uberlândia-MG. Possui 30 associados.
O4	A Constituída em 14/05/ 2011, a associação é composta por pessoas que se uniram voluntariamente para satisfazer necessidades econômicas, sociais e culturais em comuns, baseando-se nos deveres de ajuda mútua, democracia, igualdade, solidariedade, transparência, responsabilidade social e preocupação com o meio ambiente e com seu semelhante.
O5	Fundada em 2003, em função do fechamento do Lixão da cidade e, por meio do esforço conjunto da gestão do município e estado, os catadores puderam continuar a trabalhar com a reciclagem. Atualmente possui 8 associados.

Nota. Fonte: Elaborada pelos autores

4.1. Escolha profissional e ingresso nos empreendimentos

Segundo os entrevistados os principais fatores para a atuação como catador são o desemprego e experiências frustrantes com os empregos anteriores. A escolha de trabalhar com reciclagem também se deve à idade avançada e a dificuldade de recolocação no mercado. Já o ingresso nos EES acontece por influência de amigos e familiares e são os próprios catadores que procuram os EES para se tornar membro. Estes resultados vão ao encontro dos estudos de Amorim (2010) e Lemes (2008) que apontaram que um dos motivos para a atuação dos catadores nos EES se deve às dificuldades de inserção laboral (Amorim, 2010; Lemes, 2008). Na O2 existe uma lista de espera para o ingresso no empreendimento devido à grande procura. A O3 procura dar preferência às pessoas que possuem dificuldades de inserção no mercado de trabalho e para o ingresso na O5 é necessário deixar um currículo.

4.2. Gestão do trabalho e modo de produção

4.2.1. Desenvolvimento do trabalho

Os trabalhadores que ingressam nos EES geralmente possuem conhecimento da profissão de catador devido a experiência na rua, assim não existe um treinamento formal. Quando acontece o “treinamento”, é vinculado as práticas do dia a dia, onde o novato é acompanhado por um trabalhador mais experiente. Na O3, o gestor relatou dar um “curso” para os novos participantes para que o material separado se adeque às exigências da indústria.

Apesar de fornecerem equipamentos de proteção individual (EPIs) e existir conscientização ao uso por parte dos gestores, existe muita resistência por parte dos participantes em usá-los. Eles argumentam que os equipamentos não são adequados ao trabalho, muitas vezes incomodando e atrapalhando a sua realização. Em seu estudo, Oliveira e Lima (2012) também identificaram resistência por parte dos trabalhadores em usar os EPIs.

Os participantes possuem domínio de várias das atividades executadas no processamento do material reciclável, realizando todas as tarefas necessárias, não demonstrando distinção de função. Entretanto, no caso da O2 o G2 relata que não há alternância de funções. Isso só acontece caso o responsável pela função falte (e tal função seja crucial para o funcionamento da associação).

4.2.2. Mapeamento das atividades operacionais

A coleta do material a ser reciclado é a primeira atividade operacional realizada. Em Uberlândia os EES são conveniados com a prefeitura, que os abastece diariamente com o

material reciclado recolhido pelo caminhão da coleta seletiva. Entretanto, devido ao baixo volume de material entregue pela prefeitura os EES são obrigados a realizar coleta própria, normalmente em empresas. Já em Patos de Minas, não existe a coleta seletiva e todo material processado pela O5 é buscado em empresas/indústrias que fazem a doação dos seus resíduos. Realizada a coleta, são executadas as demais atividades: descarregamento do caminhão nas baias de trabalho, triagem, pesagem e estocagem do material e por fim é realizado a prensa e a comercialização do produto. A O3, diferentemente das outras, também possui parcerias com catadores de rua que trazem o material para a associação.

O destino final para o material processado difere nos EES. A O1, a O3 e a O4 alegam não conseguir vender diretamente para a indústria devido a problemas de gestão, principalmente a falta de capital de giro, ficando nas mãos do atravessador. Já a O2 já consegue vender a maior parte do material para a indústria, aumentando consideravelmente os ganhos, uma vez que as indústrias pagam um valor mais alto do que os atravessadores pelo material. A O5 não consegue vender diretamente para a indústria devido a distância geográfica, onde as principais indústrias estão localizadas em Uberaba e São Paulo, distancias significativas para a cidade que fica no interior mineiro. Somente o plástico branco é reciclado em Patos de Minas. Lemes (2008), também pontou dificuldades para comercializar os produtos oriundos dos EES., Os EES não conseguem ter capital de giro, o que impossibilita que realizem investimentos em si mesmos (Luttner et. al., 2016).

4.2.3. Divisão de tarefas

Não existe um critério específico para determinar a função de cada um dos participantes nos EES, salvo aquelas funções que precisam de conhecimentos específicos por exemplo, motorista de caminhão. Na O4, relatou -se que algumas funções são “masculinas” devido ao porte físico exigido, normalmente atividades relacionados a levantamento de peso.

Quando surge a disponibilidade de vaga esta é oferecida para os que queiram entrar nos EES. Já a progressão de cargos, ou seja, a mudança de uma função para outra, geralmente é discutida em assembleia onde quem tem interesse se manifesta. Os participantes da O3 relataram que não há possibilidade de mudança de tarefas, entretanto o gestor da associação indica que dependendo da habilidade e conhecimento do participante poderá haver a transição de tarefas.

Na O1 indicou-se não haver uma única tarefa definida, onde todos executam todas as atividades. Já a O2, trabalha por produtividade individual com funções bem definidas. A O3, trabalha de modo semelhante a O2, com produtividade individual. A O4 busca trabalhar com um modo híbrido, onde os trabalhadores são divididos em equipes menores (duplas) e todo o processamento do material é feito isoladamente por cada equipe. Para incentivar a produtividade a O5 trabalha no sistema de produção coletiva mas com remuneração por hora trabalhada. Há horário fixo de trabalho, com 1 hora e meia de almoço e um livro de ponto.

Na O2, existe um participante que apesar de ser associado, possui apenas a função de analista financeiro não executando as tarefas de catador, atuando apenas como auxílio e controle das decisões financeiras para a associação, justificada pelo seu grau de ensino sendo o mais instruído.

Os EES de reciclagem se organizam com distintas formas de gestão, apontando que em alguns casos os gestores tomam as tarefas administrativas e financeiras para si (Luttner et. al., 2016). Há rotatividade nas funções a fim de que todos executem todas as tarefas e assim, possam igualar a remuneração (Pinheiro et. al., 2017).

4.3. Remuneração e ganhos financeiros

A O1 utiliza a distribuição dos ganhos por rateio, onde todos os excedentes são divididos igualmente entre os membros, sem distinção de função. Essa distribuição é feita semanalmente, geralmente na sexta-feira. Já na O2 a distribuição é feita de forma distinta, pois cada função tem um percentual dos ganhos e os membros recebem de acordo com a produção individual. É feita a pesagem e anotação em um caderno, ao fim do mês cada um recebe o que equivale a sua parte da produção. Na O3, a remuneração é realizada individualmente de acordo com a produtividade individual e o tipo de tarefa executado.

A O4 remunera seus participantes de acordo com a produtividade da equipe. Assim, os rendimentos são divididos igualmente entre os membros. De forma distinta, a O5 utiliza da técnica de remunerar seus participantes por hora trabalhada, mas de forma que os excedentes sempre retornem aos associados o que assemelha bastante com a remuneração capitalista. A G5 relata que as horas trabalhadas são anotadas e essas informações são usadas para a “folha de pagamento”.

Apesar da distinção entre os modos de distribuição dos ganhos, os participantes demonstraram insatisfação com a remuneração. Somente os participantes da O4 e uma participante da O1 relatou uma melhoria nos ganhos, porém esta discorda do modo de

trabalho adotado no EES, alegando que tal modo não contribui para aumentar os ganhos. Já o P3a relata que somente haverá melhoria nos ganhos se o material recolhido pela prefeitura aumentar.

Quando questionados sobre a capacidade de autossuficiência financeira os EES relataram que não conseguem se sustentar, chegando a ter dívidas financeiras. Para mudar essa realidade, os entrevistados alegam que somente ocorrerá com o reconhecimento de que as associações e cooperativas prestam um serviço para a prefeitura e que esta prestação do serviço deve ser remunerada. Este dinheiro poderia ajudar a mudar a realidade do setor, deixando os EES mais sustentáveis economicamente. O G3 acredita que somente com a qualificação dos participantes os EES de reciclagem podem alcançar a tão sonhada viabilidade econômica. A P5a relata que as doações das empresas diminuíram bastante nos últimos meses, devido ao fato que estas passaram a vender o material. Isso impactou diretamente nos ganhos dos participantes da O5.

Os resultados encontrados apresentaram semelhanças aos obtidos por Amorim (2010), Buzzatti (2007), Luttner et. al. (2016) que indicaram a incapacidade de remunerar satisfatoriamente os sócios, com casos de ausência de remuneração, demonstrando a precariedade da viabilidade econômica das iniciativas. Isso se deve a falta de conhecimentos administrativos, contábeis e de gestão que prejudicam a sustentabilidade financeira (AMORIM, 2010). Os EES distinguem quanto a distribuição dos excedentes, apresentando diferentes formas de remuneração (Buzzatti, 2007; Luttner et. al., 2016; Oliveira & Lima, 2012). Por fim, outros autores também registraram a insatisfação pelo não reconhecimento do governo local pelos serviços prestados pelas associações e cooperativas de reciclagem (Luttner et. al., 2016).

4.4. Valores Ideológicos

As análises foram baseadas no estudo de Azambuja (2009), que traçou perfis ideológicos para os trabalhadores de organizações autogeridas. O perfil de solidariedade foi encontrado nos EES O1, O2, O3, O4 e O5, entretanto fica mais evidente na O1. Os entrevistados demonstraram ter consciência que fazem parte de uma transformação social, indo além de uma forma de sustento, além de demonstrarem o “sentimento de dono” e a inexistência das relações entre patrão e empregado. Também demonstraram conhecer a contribuição do seu trabalho para o meio ambiente, indicando orgulho e prazer em trabalhar com material

reciclável. Ficou evidente que acreditam no crescimento dos EES e que em todas, as decisões são tomadas de forma democrática por meio de assembleias, método apoiado pelos participantes, indicando o princípio de participação.

Na O1 existe um esforço para a consolidação do modelo autogerido, buscando fazer com que cada cooperado se reconheça como integrante de um projeto coletivo. Além disso, ficou evidente os princípios de união e igualdade pois a O1 busca transmitir que todos têm o mesmo direito e dever de participar da gestão, do desenvolvimento e dos resultados da cooperativa. Além disso, o princípio de igualdade justifica o posicionamento desses trabalhadores sobre o sistema de remuneração adotado, pois acreditam ser o mais justo.

Em se tratando do perfil de assalariamento todos os EES apresentam traços desse perfil, mas especialmente na O2 e O3, indicando que seus participantes veem o modelo autogerido apenas como uma solução para o desemprego, ou seja, uma forma de sustento. Dessa forma, seus membros procuram dar continuidade para o trabalho assalariado, buscando uma adaptação para o modelo autogerido. Expressam nas suas falas o individualismo, onde a falta de envolvimento com coletivo é compensada pela produtividade que por sua vez traz um distanciamento dos processos de participação. É evidenciado o coleguismo, que difere da noção de solidariedade e cooperação. O coleguismo está relacionado com sentimento de simpatia e antipatia e normalmente acontece em prol de um objetivo comum.

Por fim, pode-se identificar resquícios do perfil de instrumentalização capitalista nas falas do gestor da O2 provavelmente proveniente da sua experiência como administrador e de ter atuado em empresas capitalistas. Em suas falas ele apresenta o intuito de garantir o desenvolvimento econômico da associação, buscando trazer resultados financeiros crescentes para os associados, dentro de uma lógica produtiva e competitiva.

O G2 utiliza algumas técnicas capitalistas como a “linha de produção” e a remuneração por produtividade. Ele vê o EES como uma “ONG” e considera sua principal função tirar o catador da rua, o que possibilita, por meio de ganhos financeiros e parcerias estratégicas a transformação social e a inclusão social. O G2 considera que a remuneração deve ser proporcional a produtividade, ou seja, de acordo com méritos individuais. De forma parecida, o G5 também apresenta resquícios da instrumentalização capitalista demonstrada em suas falas quando se refere ao EES como um “projeto social”, “empresa familiar”, “empresa séria” e na distribuição dos ganhos como “folha de pagamento”.

De modo particular, a O4 e a O5 usam de um modo de trabalho híbrido onde são percebidas claramente características que vão ao encontro do perfil de solidariedade ao mesmo tempo que incluem características do perfil de assalariamento. Observa-se que o trabalho coletivo é realizado, entretanto para aumentar a produtividade e consequentemente os ganhos, preferiu-se trabalhar com unidades de produção (ou duplas, no caso da O4) e remuneração por hora trabalhada (no caso da O5). Este tipo de organização produtiva (unidades de produção) e remuneração (hora trabalhada) é comum em empresas capitalistas. Apesar disso, a O4 conserva a divisão igualitária dos rendimentos dentro de cada unidade de produção.

Outras pesquisas apontaram que a possibilidade dos princípios da ES se firmarem plenamente no contexto capitalista é remota ou nula, mostrando que os valores ideológicos são híbridos apresentando uma variedade de relações internas (Amorim, 2010; Pinheiro et. al., 2017). Assim, os trabalhadores dessas iniciativas podem apresentar uma heterogeneidade de valores (Amorim, 2010; Azambuja, 2009; Buzzatti, 2007) ou heranças de características capitalistas como o individualismo e o oportunismo (Pinheiro et. al., 2017).

5. Considerações Finais

Em uma sociedade cada vez mais preocupada com as consequências do descarte inadequado dos resíduos sólidos, as cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis tornam-se uma importante alternativa de emprego e renda uma vez que podem amenizar o sofrimento de inúmeros trabalhadores que estão em condições de desemprego e de subemprego, contribuindo não só para a transformação social destes trabalhadores como também na minimização do descarte inadequado dos resíduos sólidos gerados.

Este estudo buscou analisar as formas de produção e de remuneração dentro das cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis, destacando os principais aspectos que levam esses EES adotarem certas características capitalistas. Verificou-se que os valores ideológicos estão fortemente ligados como o modo de produção e de remuneração adotados. No EES onde os participantes possuem características do perfil de solidariedade, observa-se que princípios como união, igualdade e participação sobressaem, sendo expressados através das práticas rotineiras de produção coletiva e no sistema de remuneração igualitário. Já nos EES onde os participantes apresentaram fortes características do perfil de assalariamento que foram refletidos em funções específicas e remuneração por produção individual,

assemelhando à alguns modos de trabalho adotado em empresas capitalistas. Destaca-se também, os empreendimentos híbridos, onde os dois perfis se manifestaram.

Observou-se ainda que o perfil dos gestores influencia nas práticas adotadas. Em suma, os gestores com fortes características do perfil de instrumentalização capitalista possuem maior conhecimento de práticas administrativas, contábeis e de gestão, buscando técnicas e ações que melhor resultassem em ganhos econômicos. Já o gestor com fortes características do perfil de solidariedade, demonstrou estar mais envolvido com o dia a dia dos EES ou seja, com a parte operacional, possuindo dificuldades com as questões administrativas, contábeis e de gestão. Entretanto financeiramente, todos os EES passam por dificuldades, não conseguindo remunerar de forma satisfatória os participantes e apresentando precariedade de viabilidade econômica. Dessa forma, pode-se concluir que o objetivo deste estudo foi alcançado.

Sugere-se criar internamente ações que visam aumentar o uso dos equipamentos de segurança, visto que há grande resistência por parte dos participantes em usá-los. Também é importante mencionar que a luta pelo reconhecimento dos serviços prestados à prefeitura, nos EES de Uberlândia deve continuar, visto que isso mudaria completamente a realidade desses empreendimentos, contribuindo para que eles sejam viáveis economicamente. Por fim, vale salientar que este trabalho tendo limitado a análise de cinco EES pode não demonstrar a realidade geral do setor.

Para estudos futuros foi identificado a necessidade de analisar a viabilidade econômica desses EES, a fim de apontar quais são as causas e posteriormente, soluções que possam trazer melhores resultados econômicos. Também sugere analisar como a educação formal dos líderes interfere nas práticas adotadas nos empreendimentos.

Referências

- Amorim, A. N. (2010). *Economia solidária – princípios e contradições*. 115 f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.
- Azambuja, L. R. (2009). Os valores da Economia Solidária. *Sociologias*, 11(21), 282-317.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Buzzatti, A. P. (2007). *Economia popular solidária frente às transformações contemporâneas no mundo do trabalho*. 119 f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.
- Coelho, D. B. & Godoy, A. S. (2011) De catadores de rua a recicladores cooperados: um estudo de caso sobre empreendimentos solidários. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro, 45 (3), 721-749.

- Costa, B. A. L. (2013) Economia solidária e o papel das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil: a experiência da extensão universitária da ITCP-UFV. *Revista ELO- Diálogos em Extensão*, 2 (2), 17 – 34.
- Fonte, M. & Cucco, I. (2003). Cooperatives and alternative food networks in Italy. The long road towards a social economy in agriculture. *Journal of Rural Studies*, 53, 291-302.
- Gaiger, L. I. (2003). A economia solidária diante do modo de produção capitalista. *Caderno Crh*, Salvador, (39), 181-211.
- Gaiger, L. I. (2013). A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28 (82), 211-228.
- Gandolfi, P. E. et. al. (2009). Empreendimentos solidários como alternativa para a geração de trabalho e renda: a experiência da INES/UFU. *Em Extensão*. Uberlândia, 8 (1), 159-173.
- Gutberlet, J. (2012). Informal and Cooperative Recycling as a Poverty Eradication Strategy. *Geography Compass*, 6 (2), 19 – 34.
- Lemes, F. R. M. (2008). A inserção da economia solidária no mercado: contradições e possibilidades. *Outra Economia*, 2 (2), 52 – 67.
- Luttner, C. M. A., Silva, L. R. & Ferreira, L. C. D. (2016). As experiências das diferentes formas de remuneração em associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis dos municípios da região metropolitana de Belo Horizonte: entre desafios e possibilidades na economia solidária. In: Bruna Cristina Jaquetto Pereira, Fernanda Lira Goes (org). *Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional*. Rio de Janeiro: Ipea.
- Oliveira, F. G. & Lima, F. P. A. (2012). Eficiência e Solidariedade nas associações de catadores de materiais recicláveis. *Work Paper da WIEGO(Políticas Urbanas)*, (22), 1-21.
- Pinheiro, D. C., Guerra, A. C. & Toledo, D. A. C. (2017). O papel da educação na transformação das relações de trabalho na economia solidária: contribuições a partir da organização coletivista Cecocesola. *Administração Pública e Gestão Social*, 9 (2), 76-89.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F. & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. (5 ed.) Porto Alegre: Penso.
- Stahl, R. L. & Schneider, J. O. (2013). As interfaces entre cooperativismo e economia solidária. *Ciências Sociais*, 48 (2), 197 - 206.
- Tauile, J. R. & Rodrigues, H. (2004). Economia solidária e autogestão: a criação e recriação de trabalho e renda. *Mercado de Trabalho*, 24, 35 – 43.
- Tello-Rozas, S. (2016). Inclusive Innovations Through Social and Solidarity Economy Initiatives: A Process Analysis of a Peruvian Case Study. *Voluntas*, 27, 61-85.
- Veronese, M. V., Gaiger, L. I. & Ferrarini, A. V. (2017). Sobre a diversidade de formatos e atores no campo da economia solidária. *Cadernos CRH*, Salvador, 30, 89-104.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. (5 ed.). São Paulo: Bookman.